

# Na Academia Cearense de Letras

*José Costa Matos*

Eram 15 de dezembro de 1923. A Academia Brasileira de Letras inaugurava a nova Sede da Avenida Presidente Wilson, 203, no Rio de Janeiro. Prédio doado pela França. Na presença do embaixador francês no Brasil, Alexandre Conty, o presidente Afrânio Peixoto fazia o discurso de agradecimento pela doação. Em defesa de sua tese de que a tradição sustenta os povos na História, citava Paul Bourget, para quem “três pilares tem a ordem na Europa: na moral, o Vaticano; na política, a Câmara dos Lordes; nas letras, a Academia Francesa”.

No Brasil, nada de instituições duradouras. A monarquia caiu com menos de três quartos de século. A Constituição de 1824 teve logo um Ato Adicional... e a instabilidade é que se tornou aí a regra de duração. Para Afrânio Peixoto, só a Academia fundada por Machado de Assis, Lúcio de Mendonça e Joaquim Nabuco tinha vitalidade para edificar uma tradição realmente sólida, garantidora da permanência deste País na História. A tradição aqui seria a cultura da língua.

Mais tarde, deteriorou-se o pensamento mundial, notadamente no setor da ontologia. Faltaram respostas à pergunta sobre o que somos, indispensáveis ao esclarecimento da origem primordial do ser humano e de sua finalidade última.

No esquecimento dessa teleologia, os esforços de progresso ficaram centrados na construção tecnológica, desequilíbrio já profetizado por Henri Bergson, quando, no começo do século XX, pedia “um suplemento de alma”, para que não fôssemos trágicos pela tecnologia.

Nesta civilização mutilada, o “suplemento de alma”, pedido pela angústia de Henri Bergson, ficou nitidamente esclarecido nas posteriores palavras de Georges Bernanos: “Eu sempre pensei que o mundo moderno pecava contra o espírito de infância, e que esse crime o faria morrer.”

Acolhendo aquela percepção de Paul Bourget, Afrânio Peixoto via na missão de uma academia o trabalho construtor de uma tradição. Tudo muito vago, sem as definições de objetivos e estratégias exigidos por estes tempos de tantos aturdimentos. Isso quando a indispensabilidade do espírito de infância já tinha mil anos de respaldo em Jesus Cristo, sabedor supremo das condições de salvação da raça humana.

Então, emergiu neste final de milênio uma linha mais clara na missão das academias?

Muitos livros se editam no mundo sobre um tema terrível, mas que a sociedade procura desconhecer. O progresso das comunicações adquiriu efeitos herodianos e realiza a destruição da infância. Crítico social e professor da Universidade de Nova Iorque, NEIL POSTMAN tem um livro exatamente com o título **O Desaparecimento da Infância**.

Na intensa divulgação de violência e sexo, a mídia varre da mente das crianças aquilo que se chamava inocência. Neste sentido, não há mais meninos no mundo. E esse espírito de infância condiciona as possibilidades de plenitude humana. Sem ele, até os adultos ficamos obliterados para a percepção do belo.

A competência para o deslumbramento liberta a pessoa humana das estreitezas do materialismo. Só vivemos essa libertação quando o menino em nós descobre caminhos para a beleza. Beleza evidente-oculta na montanha e na planície; na viagem dos rios; nos encrespamentos do mar; no itinerário oriente-ocidente das constelações; na arquitetura das flores e dos frutos; na música residente na gargantina dos pássaros; na busca humana de luz, paz, amor. E a darmos crença a DOSTOIEVSKI, "a beleza salvará o mundo".

Então, emergiu neste final de milênio uma linha mais clara na missão das academias?

Para falar apenas da experiência mais imediata, nossa Academia é um viveiro de poetas. E os poetas, genericamente atuantes em todas as artes, carregam no planeta a duração do espírito de infância. Por isso, eles sofrem a compulsão da busca da beleza. Estaria depositada neles a última esperança de salvação do russo DOSTOIEVSKI? Mas essa redenção demanda muitas lutas.

Quem tem visão espiritual das universidades sabe: a mocidade que não teve infância não suporta as altas temperaturas do

“stress”. Sofreu deformações na percepção da beleza. Há muito, os brinquedos são monstruosos. A música popular, muitas vezes, é uma doença impeditiva da educação.

A poesia harmoniza nosso convívio com o mistério. Com isso, ameniza o tormento racional de entender. Mas o satanismo dos noticiários, porque repete Herodes na destruição da infância, por extensão expurga a poesia das perspectivas de todos, em nome de uma falsa conceituação de realidade. E negar a poesia é “cair na real”, para essa modernidade que nada sabe fazer para que as novas gerações entendam o seu tempo, a partir da decifração do “fenômeno humano” e de suas carências de paz e beleza.

Num universo finalista, essa juventude caminha sem perspectivas até mesmo profissionais. Quantos moços já passaram e deixaram, neste País tão jovem, um abismo de frustrações!

Passaram. Padres que não leram Bíblias,  
Picassos que perderam seus pincéis,  
astrônomos que olhavam para o chão...

Desde a chamada noite dos tempos, sabem todos que a originalidade é um dos componentes de valorização da obra de arte. Daí só agora se revela o sentido profético desta contradição de Dante Milano: “A missão do poeta não é inventar uma nova poesia, e sim a de manter a poesia viva.”

Deste modo, antes e acima de um valor estético, Dante Milano enxergava na poesia uma necessidade ontológica. A natureza humana se alimenta também de poesia. E não está sendo possível viver com a sua privação.

Nesta linha de idéias, e por abrigar tantos poetas, esta Academia cumpre a missão agora mais claramente definida para as academias, revitalizar o espírito de infância – matriz da poesia e da beleza –, com a consciência histórica de ajudar a salvação do mundo.

Nesta ilha de humanização das comunicações brasileiras, muitos aqui fazem a grande poesia. E um dos nossos realiza o milagre de editar centenas de livros, que viajam pelo Brasil e por outros países com as mensagens de nossos poetas de verso e de prosa. Sabem todos que estou pensando em Antônio Martins Filho, Coordenador do Programa Editorial da Casa de José de Alencar.

MARTINS FILHO ANTONIO  
CASA DE JOSE DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL